

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **CITÂNIA DE BRITEIROS. ALGUNS ASPECTOS ETNOGRÁFICOS E SOCIAIS DA NOSSA PROTO-HISTÓRIA.**

CARDOSO, Mário

Ano: 1937 | Número: 47

---

### **Como citar este documento:**

CARDOSO, Mário, Citânia de Briteiros. Alguns aspectos etnográficos e sociais da nossa Proto-História. *Revista de Guimarães*, 47 (3-4) Jul.-Dez. 1937, p. 228-240.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)

URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Citânia de Briteiros

## Alguns aspectos etnográficos e sociais da nossa Proto-história

(Continuação de pág. 115)

### IV — Os grandes ciclos primitivos da evolução humana (\*)

De harmonia com as características essenciais dos sucessivos graus da cultura humana e desenvolvimento correlativo das diversas indústrias, o quadro da evolução social do homem divide-se em vários períodos, distanciados entre si por extensos decursos de muitos milhares de anos. E foram classificados do seguinte modo:

|                |   |  |
|----------------|---|--|
| IDADE DA PEDRA | } | Período <i>paleolítico</i> (do grego <i>palaíos, lithos</i> ), i. é — da antiga pedra, ou melhor, da pedra lascada, cujo início ascende a 125.000 anos a. C., e termina pelo ano 12.000. |
|                |   | Período <i>mesolítico</i> (do grego <i>mesos, médio, e lithos</i> ), fase de transição, decorrendo desde o ano 12.000 até 10.000 a. C.   |
|                |   | Período <i>neolítico</i> (do grego <i>neos, lithos</i> ), da nova pedra, ou da pedra pulida, que vai do ano 10.000 até cerca de 3.000 antes da nossa era.                                |

Estes períodos sucedem-se nos tempos prè-históricos, isto é — de que não restam notícias escritas, mas apenas os escassos vestígios arqueológicos e

---

(\*) Parágrafo omitido na leitura da palestra, a fim de a não tornar demasiadamente extensa.

osteológicos, de que há pouco vos falei. O período *mesolítico* apresenta, por seu turno, diversas modalidades, que obrigam a diferenciá-lo em: — *epipaleolítico* (do grego *epi*, sôbre), *prè-neolítico* e *proto-neolítico* (do grego *protos*, primeiro) <sup>(13)</sup>.

Após a Idade da Pedra, vem a Idade dos Metais:

#### IDADE DOS METAIS

Período *calcolítico* (do grego *chalcos*, cobre, bronze), ou *eneolítico* (do latim *aeneus*, de bronze), ou ainda *eometálico* (do grego *eos*, aurora), período êste de transição durante o qual o homem utiliza instrumentos de metal (principalmente o cobre) e instrumentos de pedra. Decorre aproximadamente desde o ano 3.000 a 2.500 a. C.

Período *do Bronze*, que vai desde 2.500 ao ano 1.000 a. C.

Período *do Ferro*, desde o ano 1.000 até ao começo dos tempos históricos.

A Idade dos Metais inicia e fecha os tempos proto-históricos, isto é — os tempos que precedem a alvorada da História, e dos quais já chegaram até nós algumas notícias escritas, quer em inscrições, quer pelos textos dos AA. antigos.

E' evidente que estas divisões não são rígidas, mas sim variáveis para cada zona de população do globo, conforme as condições do meio permitiram um mais ou menos rápido desenvolvimento local da civilização <sup>(14)</sup>. Assim, relativamente ao território que hoje constitui Portugal, pode dizer-se que os tempos proto-históricos só começam verdadeiramente a partir da chamada 2.<sup>a</sup> Idade do Ferro, isto é — cêrca do ano 500, e acabam por volta do século I a. C. <sup>(15)</sup>. De então por diante, surgem, para nós, os tempos históricos.

Os grandes ciclos da evolução humana, que acabamos de enunciar, quer os da Idade da Pedra, correspondentes aos tempos prè-históricos, quer os da Idade dos Metais, correspondentes aos tempos proto-históricos, subdividem-se, por sua vez, em épocas várias, correlativas a diferenciações e a caracteris-

ticas industriais particulares, que, por via de regra, tomaram seus nomes das estações típicas, onde tais indústrias se revelaram mais nitidamente às explorações científicas levadas a cabo principalmente na segunda metade do século XIX. Assim, por exemplo, as indústrias do Paleolítico inferior são: a *prè-chelense* e a *chelense*, caracterizadas pelo clássico *coup-de-poing*, instrumento dos mais primitivos e rudes que o homem adoptou, um simples calhau de sílex toscamente afeiçoado, indústria que tomou seu nome da estação francesa de Chelles, próxima da confluência do Marne com o Sena, no Departamento do Sena-e-Marne; a indústria *acheulense*, típica da estação de Saint-Acheul, no vale do Somme, em Amiens; finalmente, a indústria *mustierense*, da estação de Le Moustier, na Dordonha <sup>(16)</sup>.

Seguidamente aparecem-nos os três estádios tradicionais do Paleolítico superior: o *aurinhacense* (da estação de Aurignac, no Alto-Garona), o *solutrense* (da estação de Solutré, no departamento de Saône-et-Loire), e o *madalenense* (da estação de La Madeleine, Dordonha).

Estas divisões consagradas apresentam, por sua vez, complexas modalidades regionais, por exemplo: a cultura aurinhacense *franco-cantábrica*, as culturas norte-africanas, que se infiltram na Península Ibérica — o *sbaikiense* (da região de S'baikia, na Argélia), e o *aterense* (da estação de Oued Djebana, no Bordj de Bir-el-Ater, província de Constantina), que são *facies* diversas do Paleolítico superior. Surgem mesmo os tipos locais, como o *matritense* (dos subúrbios de Madrid), designação proposta pelo arqueólogo espanhol D. José Perez de Barradas, director do Museu Prè-histórico Municipal de Madrid <sup>(17)</sup>.

No período mesolítico, destacam-se: — durante o epipaleolítico, a fase cultural africana do *capsense* final (estação de Gafsa, antiga *Capsa*, em Túnis), já revelada no paleolítico superior (capsense inferior), cultura que passa igualmente à Península, encontrando-se, por exemplo, caracterizada na indústria lítica dos concheiros <sup>(18)</sup> portugueses de Muge, no vale do Tejo; o *azilense* (da gruta de Mas d'Azil, Ariège) e o *tardenoisense* (de Fère-en-Tardenois, no Aisne); final-

mente, o *maglemosense* (da estação dinamarquesa de Maglemose, na costa ocidental da ilha Zelândia), que se desmolda no norte da Europa.

Ainda em plena época de transição, no pré-neolítico, aparece a indústria que tomou o nome de *asturiense*, descoberta em 1914, no litoral cantábrico <sup>(19)</sup>, pelo erudito Investigador espanhol Conde de la Vega del Sella <sup>(20)</sup>, e posteriormente em várias estações do litoral da Galiza e do norte de Portugal, por diversos arqueólogos, entre os quais se distinguiram os Srs. P.<sup>e</sup> Eugénio Jalhay, Tenente Afonso do Paço, e o falecido Dr. Rui de Serpa Pinto, jovem e notabilíssimo estudioso, tão prematuramente roubado à Ciência <sup>(21)</sup>. Por último, no proto-neolítico, já na aurora dos tempos neolíticos, aparece o *campinhiense* (da estação de Campigny, no departamento do Baixo-Sena), durante o qual se regista um facto importante na história das civilizações arcaicas — o aparecimento da indústria da cerâmica, até então desconhecida na técnica do trabalho humano <sup>(22)</sup>.

Alcançado o nível da cultura neolítica, outras diferenciações se evidenciam, novos fenómenos sociais cuja interpretação a Ciência procura hoje esclarecer, reconstituindo as leis do ritmo eterno das civilizações, que determinam a trajectória da sua alvorada, do seu esplendor máximo, da sua decadência, e, por fim, da sua ruína e desaparecimento.

Segundo Bosch Gimpera, quatro culturas, bem individualizadas, se manifestaram na nossa Península <sup>(23)</sup> desde o final do neolítico até aos primeiros tempos da utilização dos metais (período eneolítico e começos do Bronze) <sup>(24)</sup>: a) — a cultura ocidental, dos dolmens, ou antes, *megalítica portuguesa* <sup>(25)</sup>; b) — a cultura central, ou *das grutas*, onde surgiu o característico vaso *campaniforme*, civilização que se ramifica exuberantemente em várias direcções, parecendo revelar-se uma curiosa modalidade local na cerâmica primitiva da nossa montanha da Penha, sobranceira a Guimarães <sup>(26)</sup>; c) — a cultura mediterrânea *almeriense* <sup>(27)</sup>; d) — a cultura *pirenaica* <sup>(28)</sup>.

Em plena época dos metais, duas fases distintas podemos assinalar ao período do Bronze na Península Ibérica: a) — o período inicial ou arcaico, durante

o qual foram levantados os sepulcros de cúpula de Alcalar <sup>(29)</sup> e se desenvolveu a chamada cultura de *El Argar*, cujo conhecimento se deve às célebres explorações de Siret. Decorre êste período desde 2500 a. C. a 1700; b) — o período avançado, pleno ou recente, desde 1700 ao final do ano 1000 a. C. <sup>(30)</sup>. E' nesta última fase que aparecem as pesadas e grosseiras xorcas e braceletes de ouro maciço, as grandes alabardas, lanças e espadas de bronze, a cerâmica opulentamente decorada com desenhos geométricos, praticados a estilete, com fundas incisões no barro fresco, uma diversidade notável de machados, planos, de alvado, e de talão, cujo tipo com dois anéis de fixação ao cabo o Prof. Hugo Obermaier classificou de *galaico-português*. De facto, a cultura que produziu estes últimos instrumentos parece ter irradiado da região do Entre-Douro-e-Minho, chegando a expandir-se até ao sul da França e às Ilhas Britânicas <sup>(31)</sup>. Divergem as hipóteses sôbre o modo como tiveram lugar as difusões culturais desta natureza. ¿Resultariam de migrações em massa, ou de simples contactos e relações de comércio, estabelecidas de povo a povo?

Finalmente, a Idade do Ferro divide-se em dois grandes períodos clássicos: — a 1.<sup>a</sup> Idade, ou de *Hallstatt* (estação típica, na Austria meridional), que na Península Ibérica vai do final do ano 1000 ao ano 500 a. C.; a 2.<sup>a</sup> Idade, ou de *La Tène* (estação das margens do lago de Neuchâtel, na Suíça), caracterizada pelo desenvolvimento da indústria e arte céltica, decorrendo para nós desde o ano 500 até ao começo da era cristã. Aparece então a cerâmica modelada, como a actual, ao tórno de oleiro, e vulgariza-se o uso da moeda cunhada.

Abrangemos assim, em rápida síntese, tôda a formidável série das culturas arcaicas, desde as mais remotas idades até aos tempos históricos. Perante os menos familiarizados com esta ordem de estudos, é possível que o quadro acabado de apresentar seja pouco sugestivo, e até um tanto monótono <sup>(32)</sup>. Mas, para que tal não sucedesse, necessário se tornaria que, paralelamente a esta explanação, dispuséssemos aqui de alguns exemplares típicos de tôdas as indústrias que acabo de enumerar (e vários se encontram

no Museu da Soc. M. S.), a fim de podermos salientar praticamente as diversidades, sobrevivências e *nuanças* locais dos produtos variadíssimos do trabalho milenário do homem, produtos que são, afinal, um reflexo da evolução da sua própria inteligência e maravilhoso engenho. Util seria também, para completar a nossa ligeira síntese, evidenciar, até onde o permitem as aquisições positivas da Ciência, as características antropológicas gerais das diversas raças que impulsionaram ou criaram aquelas civilizações, os esquemas da sua etnologia, da sua lenta formação social e demográfica, seus movimentos e migrações, suas mútuas influências ou interpenetrações culturais, etc. Mas... onde nos levariam tão extensas considerações? Apesar do seu carácter elementar, haveria de desdobrar-se, forçosamente, esta singela palestra numa série de lições. Somos, portanto, naturalmente forçados a restringir o assunto.

Não deveremos, todavia, prosseguir, sem esboçarmos um aspecto geral, muito rápido, das origens da civilização e seu desenvolvimento na Europa ocidental, focando especialmente o homem integrado no seu meio cósmico, panorama êste que não podemos isentar completamente da frieza da tecnologia científica, mas que procuraremos colorir um pouco, sem o tornarmos fabuloso ou arbitrário.

Evoquemos primeiramente essa longa jornada do quaternário antigo ou pleistoceno, perdida no abismo do tempo, quando, na profundidade das selvas temerosas, povoadas de uma fauna de caracteres tropicais (*elephas antiquus*, *rhinoceros de Merck*, *hippopotamus major*, *bos primigenius*, etc.), passado já o primeiro período glaciário (chamado de Günz), erravam os primeiros homens (<sup>33</sup>), ou antes — os hominídeos inferiores, de *facies* e aspecto tão semelhante ao dos grandes símios antropóides (<sup>34</sup>). A testa curta e fugidia, enormes arcadas supraciliares, malares salientes e o acentuado prognatismo das suas fortes maxilas, patenteavam bem os caracteres fisiológicos de transição entre um ser na animalidade primária e uma inteligência que a luz divina da razão começava a tocar. Estamos nos começos do paleolítico inferior, que produziu a mais pobre e rude indústria lítica conhecida,

praticada talvez pelos contemporâneos do homem de Mauer (Heidelberg), do *Sinanthropus pekinensis* <sup>(35)</sup> do discutido *Pithecanthropus* de Java (Arquipélago de Sonda) <sup>(36)</sup>, ou do *Eoanthropus* de Piltdown (Sussex — Inglaterra), tipos humanos que a ciência antropológica se arrojou a reconstituir anatomicamente, por vezes através de uma simples mandíbula, de alguns dentes dispersos, ou de um fragmento de abóbada craniana, perdido nas aluviões geológicas.

Correm os séculos na sua galopada interminável. Passa o período interglaciário das indústrias *abevilense* e comêços da *clactonense*. O homem, após uma nova glaciação, de tôdas a maior, em que uma espessa calote de gelo cobriu, na sua mortalha de alvura, grande parte do continente europeu (glaciário de Mindel), pôde finalmente abandonar a escuridão trágica das cavernas, onde se havia acolhido, expulsando as feras para se abrigar <sup>(37)</sup>, e já vive agora à plena luz do sol, em cabanas construídas de troncos e folhagem, formando acampamentos ao ar livre, aflagado por um clima que a temperatura amaciou, permitindo, ao mesmo tempo, a exuberância pujante de extensas florestas, animadas pela vida intensa, pelos gritos e lutas pavorosas de uma fauna gigantesca e feroz. O agregado familiar, inicialmente baseado apenas na atracção sexual e no instinto da consangüinidade, vai-se consolidando. E' a época em que decorre mais um largo período da civilização humana, o da indústria *acheulense* e parte da *levaloisense*.

Mas a temperatura baixa, outra vez, gradualmente, e um novo glaciário (de Riss) envolve tôda a terra. Passam muitos milhares de anos. Aproxima-se finalmente a última das grandes glaciações (designada de Würm), que de novo escorraça o homem, êsse eterno escravo do meio ambiente, para a sua miseranda condição de troglodita, tiritando, escondido no âmago de enormes grutas naturais, apenas iluminadas pelo clarão bruxuleante da fogueira. E' o *Homo neanderthalensis* (do Neanderthal, na Prússia renana), prisioneiro numa terra desolada onde mal pode vegetar a mesquinha flora raquítica das tundras e das estepes, que substituiu as opulentas florestas de outrora, e rodeado de uma fauna arcto-alpina, que sucedeu às gigantescas espécies



do período inter-glaciário precedente, emigradas para o sul. Decorre o período *micoquense* e entramos no *mustierense antigo* ou *tayacense*. Durante muitos e muitos séculos o homem não conheceu outro género de vida. A caverna era o seu mundo — seu berço, sua morada e seu túmulo. Embelezou-a, no decorrer do tempo, ornamentando-a, pelos tetos e paredes, com desenhos e pinturas <sup>(38)</sup> de animais, como a rena (*rangifer tarandus*), o touro, o bisão, o cavalo selvagem, a cabra e outras espécies, desenhos que constituem, ainda hoje, manifestações de verdadeira arte, pelo extraordinário poder de vida e movimento que dêles dimana <sup>(39)</sup>. Essa época da grande arte naturalista, iniciada no aurinhacense médio, havia de atingir, pelo final do Paleolítico (período *madaleneuse*), o seu esplendor máximo.

Caçador por necessidade e instinto, o homem primitivo cobria o corpo com as peles das reses abatidas na caça, por meio de armadilhas, para se alimentar. A pouco e pouco, foi aperfeiçoando a técnica do trabalho do sílex, conseguindo obter pequenas pontas triangulares, e, mais tarde, uma longa série de instrumentos variadíssimos, cada vez mais delicados e perfeitos. Mas só na sucessão de milhares e milhares de gerações, por volta do período *aurinhacense*, consegue inventar o arco e a flecha <sup>(40)</sup>, descoberta admirável, que lhe permite abater a distância a caça fugidia, evitando também os perigos da luta corpo a corpo com as feras. Aos instrumentos líticos, quer os de utilização doméstica, quer do trabalho exterior ou da luta, de há muito se juntavam outros artefactos praticados na madeira, no osso, chifre e marfim, tais como agulhas, azagaias, arpões, furadores, punhais, etc.

Lentamente, as neves vão-se mantendo apenas nos cumes alterosos. Termina, finalmente, após as oscilações do período *epiglaciário* <sup>(41)</sup>, essa longa intermitência das geleiras, que ora avançavam até aos vales profundos, depositando as *moreias* <sup>(42)</sup> (que pulverizadas, levantadas pelo vento e acumuladas em certas regiões, haviam de produzir o *loess*) e arrastando consigo grandes massas graníticas, ou *blocos erráticos*, cobrindo tudo num lençol de morte e desolação,

modificando profundamente a fauna e a flora, obrigando certas espécies animais, seguidas pelo homem, a extensos movimentos migratórios, extinguindo outras espécies, alterando totalmente as condições mesológicas, — ora se desfaziam, pela subida gradual da temperatura, e nos mesmos vales, até então ermos e gelados, bramiam agora, em fúria, correntes caudalosas, que inundavam as planícies. As encostas cobriam-se de florestas e a vida expandia-se novamente e multiplicava-se, vitoriosa, pela superfície da terra.

Novos aperfeiçoamentos na técnica da pedra produzem a picareta, o pico, a faca, etc. O veado povoa agora as florestas, e substitui a rena, emigrada em extensos bandos para o norte. Aproxima-se o final da era da pedra lascada. Com o início do epipaleolítico uma nova existência, profundamente diversa da anterior, começou para o homem, como hoje se verifica, pelos vestígios imperecíveis de numerosas pinturas e gravuras executadas em rochas e abrigos ao ar livre. Novas concepções da vida agitaram a sua inteligência. À arte naturalista sucederam os desenhos esquemáticos, com os quais ia interpretando e materializando em símbolos as suas concepções (<sup>43</sup>). Se esta fase traduz uma decadência nas faculdades da expressão artística, somos, por outro lado, obrigados a admitir um maior desenvolvimento da vida interior, do poder de síntese e de concentração de ideias dimanadas de um raciocínio mais vasto e de uma inteligência mais lúcida. Em vez da interpretação viva e fiel das imagens, como reflexo daquilo que os seus olhos apercebiam, e mais fundamentalmente o impressionava, a esquematização progressiva dessas mesmas imagens, conduziria o homem, muitos milénios decorridos, à descoberta maravilhosa do processo de transmitir o seu pensamento pela linguagem escrita (<sup>44</sup>), como as modalidades dos sons que a sua voz emitia o haviam levado, insensivelmente, à linguagem falada.

O poder imaginativo do seu cérebro faz progressos, dia a dia. Cria necessidades novas. A natureza ambiente é-lhe, por seu turno, cada vez mais favorável. Aos instrumentos toscos de pedra lascada, já alia instrumentos com os gumes perfeitamente puli-

dos. E' a alvorada do neolítico que se aproxima. A sua vida incerta de nómada vai-se tornando mais estável. O homem fixa-se à terra e habitua-se ao horizonte que o viu nascer. A sua morada vai perdendo o carácter accidental e transitório: levanta cabanas de pedra, ou pratica no saibro duro grutas artificiais. A progressão incessante da sua cultura rudimentar torna-o menos individualista, e, do reconhecimento da necessidade de um mútuo auxílio, nasce a vida em mais estreita comunidade. Erguem-se por essa época os povoados lacustres, ou *palafitas* (46). Com o desenvolvimento do seu raciocínio e a observação reflectida dos fenómenos inexplicáveis que à sua volta se produzem — o trovão que ressoa pelas quebradas da montanha, o raio fulgurante que incendeia as florestas, o tufão que derruba os troncos seculares, a terra que estremece no seu seio, o sol que, súbitamente, deixa de brilhar num céu límpido, os meteoros que fendem no espaço um rasto de fogo — avoluma-se e toma corpo no seu espírito a ideia das forças sobrenaturais que o dominam; e, com o culto antiqüíssimo dos mortos, mixto de carinho, veneração e terror pelos que guardam consigo o mistério do mundo invisível, surgem novas manifestações da sua religiosidade (46). Construi as *antas* (47), erguendo assim, com pesadas lájeas, sólidas jazidas funerárias que prolongam a memória dos entes queridos para além do efémero e transitório da vida humana. Pratica a antropofagia e a trepanação, em obediência a superstições e práticas de magia ou sortilégios (48). A sua alimentação já não se limita aos frutos silvestres, à carne da caça, chamuscada na fogueira, aos peixes do rio, ou aos moluscos da costa marítima; na sua vida mais sedentária, a indústria cerâmica torna-se indispensável à culinária, menos frugal e mais esmerada, dêsees mesmos alimentos. Adorna-se com os primeiros colares, que possuíam virtudes amuléticas (49), e eram feitos com dentes de animais ou séries de conchas enfiadas. Domestica as espécies que se lhe tornam úteis, a começar pelo cão; e, abandonando a vida errante do pastoreio, pratica os primeiros trabalhos agrícolas (50). A arte esquemática rupestre atinge nesta fase o seu período áureo. Grava nos penedos da

montanha, geralmente na face horizontal das grandes lajes, numerosos desenhos enigmáticos, espirais, círculos concêntricos, quadrículas, cruzetas, covinhas, etc., perante os quais a nossa imaginação hoje se debate inútilmente, numa ânsia de interpretação ideográfica que não conseguimos esclarecer.

Descobre progressivamente a utilização dos primeiros metais — o cobre e o ouro (<sup>54</sup>). Reproduz, no cobre, por simples martelagem, e, mais tarde, no bronze, os primitivos machados de fibrolite, diorite, serpentina e outras pedras bem polidas e lustrosas. Do ouro nativo, igualmente martelado, fabrica, de finas lâminas e fios enrolados em hélice, jóias com que se enfeita.

Na posse da técnica do trabalho dos metais, o homem faz então progressos formidáveis, a civilização acelera-se, num ritmo cada vez mais forte e mais veloz. Essa maravilhosa descoberta da metalurgia do bronze modifica inteiramente as suas condições de vida. As armas e utensílios, agora obtidos em moldes de barro, por fundição, aperfeiçoam-se e multiplicam-se. Fabrica também os tecidos, utilizando a lã dos rebanhos e a fibra das plantas têxteis. Cobre o seu corpo e couraça e defende a sua cabeça ativa de lutador. Não é já o pária desgrenhado e semi-nu, de corpo pintado ou tatuado, e em peleja constante com os elementos e as feras; é o chefe da tribo e do *clan*, o *brenn*, o guerreiro vitorioso e inexorável, o herói divinizado!

Entramos finalmente na civilização de Hallstatt. O nosso longínquo antepassado, já utiliza agora e sabe forjar o ferro (<sup>55</sup>), que, dócilmente, se deixa amoldar e dominar pelo fogo, nas suas mãos hercúleas. Canta o martelo na bigorna. A sua frente ilumina-se ao clarão sangrento da fornalha ardente de Vulcano. E, com este último triunfo da sua inteligência, o Homem, formidavelmente armado para as futuras lutas da Civilização, surge, como um semi-deus, no limiar da História!

Da extrema complexidade deste vago esquema da evolução da vida do homem sobre a Terra (<sup>56</sup>), que acabamos de enquadrar, a largos traços, numa breve sistematização, podemos logicamente deduzir as enormes

dificuldades, talvez para sempre intransponíveis, que nos apresenta a questão inicialmente aqui posta — qual seja a de fixar as remotíssimas origens da raça que um dia levantou e povoou as citânias.

De um modo geral, e com dados estabelecidos quer em elementos de ordem arqueológica, quer no estudo da antropologia, da paleontologia humana, etc., pode todavia afirmar-se, com inteira segurança, que, desde as longínquas idades do Paleolítico superior, já a Península Ibérica era habitada por essas tribus primitivas, em cujas pobres indústrias e escasos restos ósseos os cientistas descobriram analogias culturais e raciais com outras populações primitivas, oriundas quer do continente africano, quer do europeu. Admite-se que as populações da Península que, mais tarde, pelo Neolítico final, começaram desenvolvendo as culturas megalítica portuguesa, central e almeriense, eram oriundas do N. de Africa, e, por evolução no novo meio, produziram essas mesmas culturas. Apenas os povos da cultura pirenaica, sincrónica daquelas, seriam de origem europeia, e dariam origem aos bascos históricos. Estes pirenaicos eram talvez os descendentes dos paleolíticos da cultura franco-cantábrica (<sup>34</sup>). Mas tôdas estas deduções e conclusões, para terem uma consistência objectiva e científica, precisam de apoiar-se no estudo de séries, relativas a numerosos indivíduos, e não em simples elementos isolados, e basear-se em múltiplos factores de ordem antro-po-etnológica.

Nos complexos problemas, ainda hoje muito conjecturais, da sistematização paleantropológica dos restos esqueléticos humanos do paleolítico superior europeu, querem alguns investigadores conceder acentuado predomínio à clássica raça chamada de *Cro-Magnon* (Tayac — Dordonha), que constituiria um bloco único, considerando-se os outros tipos de caracteres diferenciados, relativamente àquele *tipo médio*, apenas como simples variações individuais, devidas à influência dos diversos meios geográficos e talvez a cruzamentos. Outros antropologistas aceitam a existência de três raças principais bem definidas: a de *Cro-Magnon*, a de *Grimaldi* (Itália), com caracteres negróides, e a de *Chancelade* (Dordonha), esquimóide, relacionadas res-

pectivamente com a raça branca, negra e amarela. Ainda outros incluem, nas raças que viveram durante o aurinhacense, a de *Combe-Capelle* (Périgord), de afinidades etiópicas, a de *Predmost* (Morávia), de *Brüx* (Boémia), etc. Relativamente a Portugal, o Sr. Prof. Mendes Correia é de opinião (aliás contestada, especialmente pelo Prof. Vallois, de Tolosa) <sup>(55)</sup>, que o homem mesolítico de Muge, por êle tão conscienciosa e sãbiamente estudado, e ao qual deu a designação de *homo afer taganus* ou simplesmente *homo taganus*, é também o representante de uma raça sub-negróide, derivada, como a de Combe-Capelle e a de Grimaldi, do bloco das raças equatoriais, e, portanto, bem distinta e diferenciada da de Cro-Magnon <sup>(56)</sup>.

Durante o Neolítico três outras raças invadem a Europa, dando respectivamente origem ao *Homo alpinus*, exemplar do tipo braquicéfalo (crânio arredondado), que se instala nas regiões elevadas, e acaba por eliminar e substituir, a pouco e pouco, os homens de Cro-Magnon; ao *Homo nordicus*, o alto dôlicocéfalo loiro (crânio alongado), que se fixa no norte da Europa; e ao *Homo mediterraneus*, também dôlicocéfalo, confinado em parte da França, na Itália e na Península Hispânica.

Investigar, tentar discernir com dados positivos, neste crisol onde se amalgamam tantas raças humanas, sujeitas a inúmeras variações (que por seu turno dificultam e complicam as sistematizações), se o autóctone da Península Ibérica era de origem eurafricana ou indo-europeia é, sem dúvida alguma, assunto demasiado transcendente, para tão singela palestra. Torneemos, pois, êste ponto assaz complicado e difícil, puramente do domínio dos especializados, e procuremos ver se, num quadro de valores mais restrito e menos remoto, nos será possível estabelecer analogias mais concretas e notícias menos vagas sôbre a origem dos primitivos povoadores dos nossos castros.

(Continua).

MÁRIO CARDOZO.

# QUADRO SINÓPTICO DA EVOLUÇÃO DAS CULTURAS PRIMITIVAS NA EUROPA OCIDENTAL

|                           |                           | Nomenclatura clássica                             | Culturas intercaladas ou contemporâneas das anteriores   | Correspondência de algumas das fases culturais da Península Ibérica                     | Correspondência paleo-antropológica                      | Correspondência geológica   | Cronologia (a. C.)           |  |        |
|---------------------------|---------------------------|---|--|---|--|---|------------------------------|--|--------|
| IDADE DA PEDRA            | PALEOLÍTICO               | Eolitos   |  |   |  | Homem terciário?  | TERCIÁRIO                    |  |        |
|                           |                           | Prè-chelense                                      | Ipswich  |   |  |   | 125.000 anos                 |  |        |
|                           |                           | Chelense ..... ou Abevilense                      |  |   |  | <i>Sinanthropus</i><br>Mauer ( <i>Homo heidelbergensis</i> )<br>Pitldown ( <i>Eoanthropus Dawsoni</i> ) | 1.º período glaciário (Günz) |  |        |
|                           |                           | Inferior  | Clactonense  |   |  |   |                              | 2.º período glac. (Mindel)   |        |
|                           |                           |   | Achelense  |   |  |   |                              | 75.000   |        |
|                           |                           |   | Levaloisense   |   |  |   |                              | 3.º período glac. (Riss)   |        |
|                           |                           |   | Micoquense   |   |  |   |                              | 50.000   |        |
|                           |                           | Mustierense                                       |  |   |  | Neanderthal ( <i>Homo neanderthalensis</i> )  | 4.º período glac. (Würm)     |  |        |
|                           |                           | Superior  | Aurinhacense   | Franco-Cantábrica (Sul da França e Espanha), Sbaikiense e Aterense (do N. de Africa)    |  |   | Homo sapiens<br>Habilis      | Cro-Magnon (caucasóide), Chancelade (esquimóide), Grimaldi (negróide), Predmost, Combe-Capelle ( <i>Homo aurignacensis</i> , proto-etíópico), etc. | 25.000 |
|                           |                           |   | Solutrense   |   | Grutas de Altamira<br><i>(apogeu da arte animalista)</i> |   |                              |  | 16.000 |
|                           | Madalenense               |   |  |   |  |   |                              | 10.000   |        |
|                           | Epipaleolítico            |   | Azilense e Tardenoisense   | Capsense final (do N. de Africa)<br>Maglemosense (N. da Europa)<br>Asturiense (Espanha) | Concheiros de Muge                                       | Muge ( <i>Homo afer turganus</i> )  |                              | Fases do período epiglaciário  |        |
|                           |                           |   | Prèneolítico   |   |  |   |                              |  |        |
|                           | Protoneolítico            | Campinhiense<br><i>(aparecimento da cerâmica)</i> |  |   |  |   |                              |  |        |
|                           | MESOLÍTICO<br>(Transição) |   |  |   |  |   |                              |  |        |
| NEOLÍTICO                 |                           | Antigo  |  |   |  | <i>Homo alpinus, nordicus e mediterraneus</i>   | 7.000                        |  |        |
|                           |                           | Pleno   |  |   |  |   |                              |  |        |
|                           | Final                     |   | Dolmens primitivos (Alvão, etc. - Cult. megalítica portuguesa)   |   |  | 4.000   |                              |  |        |
| ENEOLÍTICO<br>(Transição) | Inicial                   |   |  |   |  | 3.500   |                              |  |        |
|                           | Pleno                     |   | Primeiros dolmens da Cult. Pirenaica<br>Vaso campaniforme (Cultura central)<br>Los Millares (Cult. de Almeria) |   |  | 3.000   |                              |  |        |
| IDADE DOS METAIS          | BRONZE                    | Inicial   | Per. I - II  | Sepulcros de cúpula de Alcalar (Algarve)  |  |   | 2.500                        |  |        |
|                           |                           | Recente   | Per. III - IV  | El Argar<br>Machados do tipo galaico-português<br>Colónias fenícias                     |  |   | 1.700                        |  |        |
|                           | FERRO                     | Hallstatt   | I  |   |  |   | 1.000                        |  |        |
|                           |                           |   | II   |   | Colónias gregas  |   | 900                          |  |        |
|                           |                           |   | III  |   | Invasão celta  |   | 600                          |  |        |
|                           | La Tène                   | I   |  |   |  |   | 500                          |  |        |
|                           |                           | II  |  | Castros galaico-portugueses (Citânia, Sabroso, Santa Tecla, etc.)                       |  |   | 300                          |  |        |
|                           |                           | III   |  | Romanização   |  |   | 133                          |  |        |

TEMPOS PRÉ-HISTÓRICOS

TEMPOS PROTO-HIST.

T. HIST.

(Tomada de Namância)